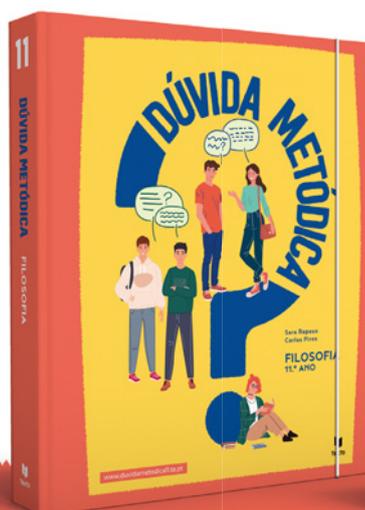




### DESTAQUES

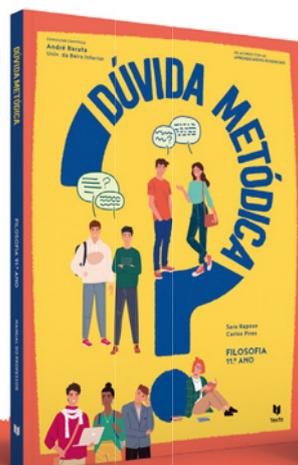
- ➔ Equilíbrio entre a clareza da linguagem e o rigor filosófico
- ➔ Imagens relevantes
- ➔ Utilização de instrumentos facilitadores da compreensão
- ➔ Exercícios frequentes
- ➔ Estrutura intuitiva
- ➔ Grande diversidade de recursos



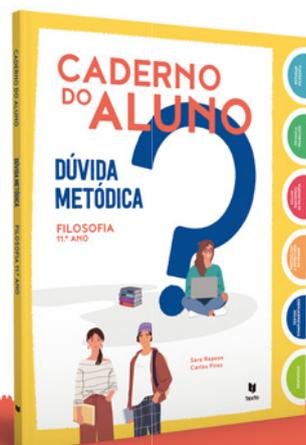
Dossiê do Professor



Manual do Professor



Manual do Aluno



Caderno do Aluno



Texto didático claro, fornecendo uma explicação acessível, mas completa.

3 Filosofia da arte

## A teoria da arte como representação



FIG. 3.25

Que concepção de arte é sugerida pela comparação da pintura com a pessoa retratada?

A rainha Isabel II e um dos seus retratos, da autoria de Isabel Peachey (2010)

De acordo com esta teoria, se algo é arte, então é uma representação. Trata-se da teoria mais antiga: tanto Platão (c. 427-347 a.C.) como Aristóteles (c. 384-322 a.C.) viam a arte como sendo representação, mas referiremos apenas Aristóteles. Nos seus escritos, este usou a palavra «mimésis» para caracterizar a arte. Esta palavra é muitas vezes traduzida por «imitação», mas, como veremos, é defensável que «representação» seja uma tradução mais apropriada.

«Mimésis» é a origem etimológica da palavra portuguesa «mimese», cujo significado é «imitação».

Uma **imitação** é uma **representação** que visa ser semelhante à coisa imitada. Durante séculos essa maneira de entender a arte foi quase consensual. A generalidade dos artistas, nomeadamente pintores e escultores, entendiam o seu trabalho como um esforço para imitar as coisas do modo mais fiel possível. Por exemplo, as esculturas da Grécia Antiga procuravam imitar o corpo humano, de forma realista, como se pode verificar em muitas obras de arte famosas deste período histórico.

Essa concepção da natureza da arte determinava também o modo como se encarava o valor artístico das obras de arte, sobretudo no caso das pinturas e das esculturas: pensava-se que uma obra tinha tanto mais valor artístico quanto mais semelhante ao original fosse.

O escritor romano Plínio, o Velho, contou uma história que mostra como no passado os próprios artistas entendiam a arte como uma forma de imitação e associavam a esta o mérito artístico.

Dois pintores, Zéuxis e Parraso, tinham uma disputa acerca de qual deles era melhor pintor e, para a resolver, fizeram uma competição, pintando cada um deles um quadro. Zéuxis pintou um cacho de uvas, tão fiéis à realidade que dois pássaros tentaram comê-las. Confiante de que ia ganhar, Zéuxis disse a Parraso para desembrulhar a sua pintura. Este explicou então que a pintura não estava enganado os pássaros, mas o realismo da pintura de Zéuxis tinha enganado os pássaros, mas o realismo da pintura de Parraso tinha enganado o próprio Zéuxis. Perante isso, este teve de reconhecer que a pintura de Parraso era artisticamente superior e que ele era melhor pintor.

Apesar disso, Aristóteles, ao caracterizar a arte como «mimésis», não tinha em vista a mera imitação, mas sim a representação em geral.

FIG. 3.26 Estátua grega de bronze do início do período clássico (por volta de 460 a.C.), um dos poucos originais existentes desta época



«A epopeia e a tragédia, bem como a comédia e a poesia ditirâmbica e ainda a maior parte da música de flauta e de cítara são todas, vistas em conjunto, imitações.»

Aristóteles, *Poética*, 1447a<sup>10</sup>

Uma imitação é uma representação que tenta ser realista, que tenta ser semelhante ao original. Mas a imitação é apenas um tipo de representação entre outros. O conceito de representação é mais abrangente que o de imitação.

«Tanto Platão como Aristóteles davam exemplos de outras formas de “mimésis” que, apesar da tradução consagrada, não são rigorosamente imitações. Por exemplo, Aristóteles classificou as principais artes do seu tempo – o teatro, a pintura, a escultura, a música e a poesia – como diferentes formas de “mimésis”, acrescentando que, na poesia, isso era conseguido por meio de descrições narrativas. Ora, contar uma história ou descrever algo com palavras não é exatamente o mesmo que imitar.»

Aires Almeida, *ibid.*, p. 30 (adaptado)

Dizer que X representa Y significa que X está no lugar de Y, ou seja, significa que X simboliza Y. Uma coisa pode representar outra mesmo que não seja semelhante a ela, mesmo que não seja uma imitação dela. Por exemplo: o desenho de um leão com uma bola representa o C. S. Marítimo, embora não seja fisicamente parecido a esse clube desportivo; uma pomba simboliza a paz, embora não seja semelhante à paz. Assim, uma peça de música instrumental, embora não imite a primavera, pode representar a primavera (como sucede com a célebre composição de Vivaldi – a primeira parte de *As Quatro Estações*) e a escultura abstracta (feita com pedras e espaços vazios) de Antony Gormley representa o corpo humano, embora não o reproduza com fidelidade (ver fig. 3.30).

«O artista Wassily Kandinsky, autor das primeiras pinturas abstractas, dizia que as manchas, linhas e cores dos seus quadros representavam coisas como a morte, a dor e a vida, apesar de não imitarem fosse o que fosse.»

Aires Almeida e Desidério Murcho, *Janelas para a Filosofia*, Gradiva, Lisboa, 2014, p. 81

FIG. 3.27 Círculos em Um Círculo de Wassily Kandinsky (1923)



Um ditirambo era um canto em honra do deus Dioniso, ou seja, um poema que exprimia entusiasmo ou delírio.

Representação  
Imitação

Notas ao longo do texto didático:

- esclarecem termos que o aluno pode desconhecer;
- fornecem informações adicionais;
- reforçam ideias.

Podes ouvir um excerto de *As Quatro Estações*



Exertos de textos filosóficos que apoiam a explicação.

Imagens compreensíveis,  
estimulantes e informativas.  
Cada imagem é acompanhada  
de uma questão promotora da  
reflexão.

### Anomalias, crise e ciência extraordinária

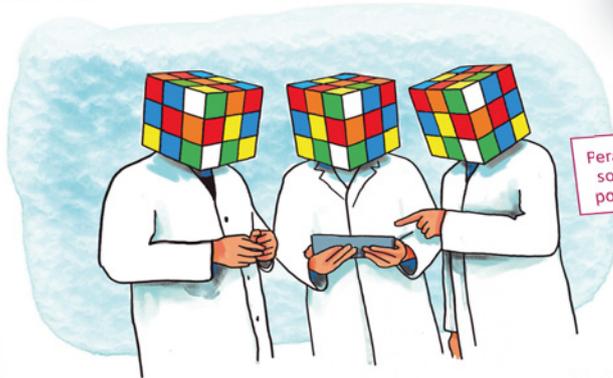


FIG. 2.44

Perante um problema sem  
solução aparente, como  
podem agir os cientistas?

bob

Por vezes, surgem fenómenos para os quais não existe uma explicação à luz do paradigma aceite, problemas que não se conseguem resolver com base nos seus pressupostos. Kuhn chama-lhes «**anomalias**». Na ciência normal, uma atitude frequente relativamente às anomalias é ignorá-las. Outras vezes, os cientistas julgam que existiram, provavelmente, erros nas observações (ou seja, culpam-se a si e não ao paradigma) e, por isso, as anomalias não são consideradas como contraexemplos capazes de falsificar o paradigma. Para contornar estas dificuldades, os cientistas podem introduzir **modificações ad hoc**, tentando compatibilizar a resolução desses problemas com a tradição estabelecida e eliminar os conflitos aparentes que a colocam em causa.

Porém, o **acumular de anomalias** irá minar a confiança dos especialistas, levando-os a questionar os pressupostos teóricos e práticos pelos quais se guiaram até aí e a procurar modelos explicativos alternativos. Instala-se, então, uma **crise**: o paradigma deixa de ser consensual na comunidade e perde a credibilidade.

«Perante a anomalia (...) embora agora consciente de que as regras da ciência normal não serão as melhores, [o cientista] procura levá-las a um limite jamais visto, para ver até que ponto elas podem dar conta da área em que se manifesta a dificuldade. (...) Ele assemelhar-se-á a alguém que procura algo ao acaso, fazendo experiências só para ver o que dão, à espera de um efeito qualquer que não pode sequer imaginar. Simultaneamente, uma vez que nenhuma experiência científica pode ser concebida sem uma certa dose de teoria, o cientista em crise procurará constantemente dar origem a teorias especulativas que, se bem-sucedidas, podem abrir caminho a um novo paradigma e às quais, se fracassadas, pode renunciar com relativa facilidade.»

Thomas S. Kuhn, *ibid.*, pp. 138-139 (adaptado)

«Ad hoc é uma expressão latina que significa "para este propósito". Uma explicação é ad hoc se envolve hipóteses que são introduzidas com a única finalidade de salvar uma teoria.»

Lisa Bortolotti, *ibid.*, p. 301

#### EXCLUSIVO DO PROFESSOR

##### Nota

Sobre exemplos de anomalia e hipótese ad hoc ver nota no Dossier do Professor, separador «Outros».



**BANCO DE IMAGENS** na Aula Digital inclui todas as imagens do manual para projeção e exploração em sala de aula. Disponível também em formato PPT.

4 Filosofia da religião

Este argumento é válido, pois trata-se de um *modus tollens*. Mas será sólido? Vamos analisar as premissas e depois considerar algumas objeções, para que possamos formar uma opinião fundamentada.

**Premissa 1**

A ideia de Deus é a ideia de um ser supremo: um ser que é perfeito e acumula no grau máximo todas as qualidades possíveis (poder, sabedoria, bondade, etc.). A expressão «Deus é aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado» significa que não se pode conceber algo mais grandioso do que Deus. Se dissermos que Deus é apenas uma ideia e não existe realmente, poderemos pensar num outro ser supremo e perfeito, mas que de facto exista. Porém, nesse caso, ao pensar nesse outro ser estaremos a pensar em algo mais grandioso do que Deus, pois atribuímos-lhe as mesmas qualidades mais a existência.

**Premissa 2**

É falso que possamos pensar num ser mais grandioso do que Deus, pois isso é uma contradição: ao pensar em Deus já estamos a pensar no ser mais grandioso em que se pode pensar. Por outras palavras: dizer «tenho a ideia de Deus, mas penso que não existe» é como dizer «a ideia de Deus é a ideia de algo maior do que o qual nada pode ser pensado» e, simultaneamente, dizer «a ideia de Deus não é a ideia de algo maior do que o qual nada pode ser pensado». Ao negar a existência de Deus estamos a negar-lhe a grandeza máxima que lhe tínhamos reconhecido ao defini-lo como «aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado». Por isso, é incoerente ter a ideia de Deus e não reconhecer a sua existência.

Segundo Anselmo, não é preciso ser crente para ter esta ideia. Até um ateu pode pensar nela (embora não a considere verdadeira).



FIG. 4.25

Será possível formarmos uma ideia adequada de Deus?

Esquemáticamente:



A conclusão do argumento é uma consequência lógica dessas ideias apresentadas nas premissas: Deus não pode ser apenas uma ideia, Deus existe.

1 Epistemologia

**A definição tradicional de conhecimento**

EU NÃO ACREDITO QUE O HOMEM TENHA IDO À LUA.

E SABER QUE AQUELAS BANDEIRAS QUE ESTÃO LÁ FORAM FINCADAS POR ELE, NÃO VAI MUDAR EM NADA A MINHA CONVICÇÃO.

FIG. 1.9

Por que razão a personagem do cartoon não sabe que os seres humanos foram à Lua?



Quilino

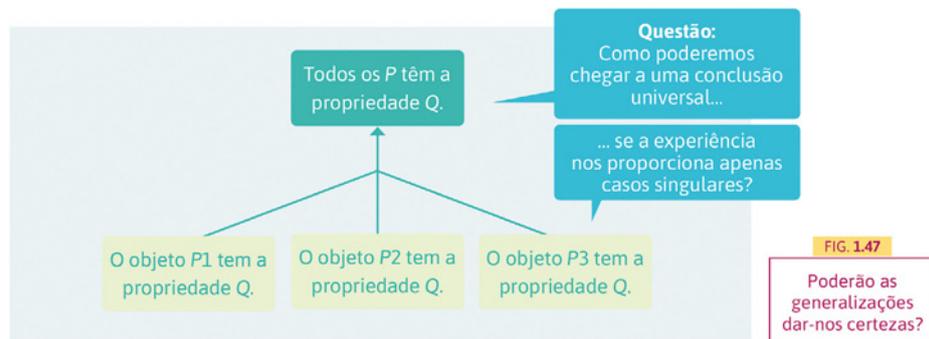
O que é, então, o conhecimento (proposicional)?

Há uma definição antiga, que remonta a Platão (pois foi discutida num dos seus



Esquemas, tabelas, clarificação de conceitos, sínteses e acesso rápido a exemplos em vídeo e áudio através de códigos QR.

## O problema da indução



EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Nota

A e B são generalizações e C e D são previsões.

No nosso dia a dia fazemos inúmeros **raciocínios indutivos** (generalizações e previsões). Por exemplo:

- A** Os iogurtes de mirtilo que já provei eram saborosos. Logo, todos os iogurtes de mirtilo são saborosos.
- B** Os veados observados até hoje eram herbívoros. Consequentemente, pode afirmar-se que todos os veados são herbívoros.
- C** O novo cão do meu vizinho ladrou todas as vezes que passei perto da casa dele. Por isso, vai certamente ladrar quando daqui a dois minutos passar por lá.
- D** Já estive muitas vezes em salas como esta e o teto não caiu. Por isso, o teto não vai cair durante esta aula.

A palavra «todos» pode referir classes cujos elementos são facilmente contáveis (como, por exemplo, os países europeus), mas também classes cujos elementos são inúmeros, sendo difícil, ou mesmo impossível, contá-los e, sobretudo, observá-los (por exemplo, as formigas existentes na Terra ou as estrelas do universo).

FIG. 1.48

Será possível observar todas as formigas do mundo?

Os raciocínios indutivos partem da experiência, mas levam-nos além da experiência – na medida em que as suas conclusões se referem a casos não observados, quer do presente quer do futuro. É fácil perceber isso se atentarmos nos exemplos anteriores: não seria possível alguém provar todos os iogurtes de mirtilo e, no entanto, a conclusão do raciocínio **A** (que é uma generalização) refere-se a todos eles; a aula está no início, a maior parte dos momentos que a constituirão ainda não ocorreram e, no entanto, a conclusão do raciocínio **D** (que é uma previsão) refere-se a eles.

Pode dizer-se que nesses raciocínios ocorre uma espécie de salto: do **alguns** para o **todos**, no caso da generalização, e do **alguns do passado** ou **presente** para o **próximo** ou os **próximos** casos do **futuro**, no caso da previsão. A utilidade dos raciocínios indutivos reside precisamente aí. Se não pudéssemos dar esse salto indutivo só poderíamos, muito provavelmente, pensar e falar do im

Mas que razões temos para confiar nesses raciocínios indutivos? Mas que razões temos para confiar nesses raciocínios racionais?

**BANCO DE ESQUEMAS INTERATIVOS** na Aula Digital inclui todos os esquemas do manual para projeção e exploração em sala de aula. Disponível em formato PPT.

Este princípio implica a rejeição do inatismo. Se as ideias são cópias das impressões, então não há ideias inatas. Todas as ideias têm origem na experiência.

Contingente significa que algo é de certo modo, mas podia não ser, ou seja, não é necessário que seja assim.

A expressão «uniformidade da natureza» pode ser enganadora: Hume não quer dizer que na natureza as coisas são sempre iguais e que nunca há mudanças, mas sim que, quando ocorrem mudanças, estas são regulares e não arbitrárias.

Podes assistir à peça 4'33", de John Cage (1952)



p. 69

## A comparação entre as teorias de Descartes e de Hume



Questões	Descartes	Hume
1. Qual a perspetiva filosófica em que se insere a teoria?	Racionalismo.	Empirismo.
2. Qual é a fonte do conhecimento mais valorizada?	Razão.	Sentidos (ou experiência).
3. Há ideias inatas?	Sim. Por exemplo: o cogito e a ideia de Deus.	Não. Todas as ideias têm origem nas impressões (mesmo as mais abstratas, como a ideia de Deus).
4. Como pode ser obtido o conhecimento a priori?	Através da intuição e da dedução.	Através da intuição e da dedução.
5. O conhecimento a priori é substancial?	Sim. Permite-nos ter informações sobre o mundo.	Não. É um conhecimento das relações de ideias, não dá informações sobre o mundo. Os factos do mundo só podem ser conhecidos a posteriori.
6. Qual é o fundamento do nosso conhecimento do mundo?	O cogito (é um fundamento racional, a priori).	As impressões (é um fundamento empírico, a posteriori).
7. Os cééticos têm razão?	Não. É possível alcançar conhecimentos indubitáveis (ideias claras e distintas, cuja verdade é garantida por Deus) que podem ser racionalmente justificados.	Em parte. Temos alguns conhecimentos, mas em muitas áreas não temos conhecimento, apenas crenças sem justificação, mas que não podemos rejeitar.

69

pp. 210-211

3 Filosofia da arte

### Relembra ideias-chave

- A arte é algo muito diverso. Existem várias artes: música, pintura, escultura, literatura, cinema, etc.
- Problema da definição de arte:** O que é a arte? O que distingue um objeto artístico de um não artístico?
- Uma boa definição de arte terá de dizer o que é a arte e distingui-la do que não é arte – identificando características que todas as obras de arte possuam (condições necessárias) e que só elas possuam (condições suficientes).
- Teoria representacional,** que remonta a Aristóteles: se algo é arte, então é uma representação.
  - Durante séculos a maioria dos artistas considerou a arte uma representação imitativa, que visava assemelhar-se à coisa imitada (o valor artístico das obras dependia da sua fidelidade ao original). Mas a representação também pode ser simbólica e representar sem ser semelhante.
  - Objetivos:**
    - Não apresenta uma autêntica definição de arte, pois não indica uma condição suficiente (não é só a arte que é representação).
    - A representação não é uma condição necessária da arte, pois há obras de arte que nada representam.
- Teorias essencialistas (representacional, expressivista e formalista):** há uma essência da arte, isto é, características intrínsecas que existem em todas as obras de arte (condições necessárias) e só nelas (condições suficientes).
- Teorias não-essencialistas (institucional e histórica):** não há uma essência da arte; embora haja condições necessárias e suficientes da arte, não são características intrínsecas, mas sim características relacionais e contextuais.
- Teoria expressivista, de Collingwood:** a essência da arte é a expressão clarificadora de emoções.
  - Ao criar a obra o artista exprime emoções que antes não sabia identificar, ganhando assim consciência e compreensão delas (são emoções particulares e não gerais).
  - A arte autêntica distingue-se do ofício. Neste há um plano prévio e uma técnica que estabelece qual é o melhor meio de alcançar o fim pretendido. Na arte genuína, o planeamento e a técnica não são essenciais.
  - Quando a música, o teatro ou o cinema visam o entretenimento, e não a clarificação de emoções, não são arte autêntica, mas ofícios. Essas pseudoartes estimulam emoções, previamente definidas pelo criador, usando certas técnicas (como se fosse uma receita).
  - Na arte autêntica, o artista, ao clarificar as suas emoções, permite ao público clarificar as suas. Por isso, a arte promove o autoconhecimento, quer do artista quer do público.
  - Objetivos:**
    - Nem sempre é possível saber o que sentiram os artistas ao fazerem as suas obras e por isso a experiência imaginativa das emoções não é reproduzível pelo público.
    - Definir a arte como clarificação de emoções é restritivo e exclui muitas obras (que visam o entretenimento ou não exprimem emoções) claramente artísticas (são contraexemplos).

- Teoria formalista, de Clive Bell:** a essência da arte é a forma significante, presente em todas as obras de arte e só nelas.
  - A forma significante provoca a emoção estética, uma emoção especial (só se sente perante obras de arte). Para a sentir é preciso sensibilidade estética.
- Ceticismo (de Witt):** as várias teorias contrariam-se umas às outras e são alvo de objeções pertinentes e contraexemplos; logo, não conseguem definir adequadamente a arte.
  - Isso resulta da natureza da própria arte, que se caracteriza pela criatividade, busca da inovação e experimentação de novas possibilidades. O que leva à produção de obras que, segundo as ideias anteriores, não deveriam ser consideradas arte – e isso vai alargando o âmbito da arte.
  - A arte não tem uma essência: não tem características necessárias e suficientes captáveis por uma definição. Arte é um conceito aberto e não fechado (o modo como se aplica vai mudando) e, por isso, é indefinível.
- Teoria histórica, de Levinson:** é possível definir arte indicando condições necessárias e suficientes para algo ser arte, mas estas são contextuais.
  - O aspeto contextual relevante é o caráter histórico da arte: uma obra é artística se o seu autor pretender que seja encarada como o foram as obras de arte do passado e estas, por sua vez, são arte porque os seus autores queriam que elas fossem encaradas similarmente às obras anteriores.
  - X é uma obra de arte se, e apenas se, X é um objeto acerca do qual uma pessoa (o artista), possuindo o direito de propriedade sobre X, tem ou teve a intenção séria de que seja encarada como as obras de arte anteriores foram encaradas.
  - A intenção tem de ser séria (firme e duradoura), para não ser ocasional e poder transparecer na obra. A referência ao direito de propriedade visa impedir que um artista possa tentar transformar em arte coisas que não lhe pertencam.
  - Objetivos:**
    - Se algo é arte caso seja visto como o eram as obras anteriores, é difícil explicar a existência da primeira obra de arte.
    - Existem contraexemplos à teoria, nomeadamente alguns *graffitis* feitos em paredes que não pertencem aos artistas (assim, o direito de propriedade não é uma condição necessária).
- A forma significante é uma determinada combinação dos elementos formais da obra: na pintura, é uma certa combinação de linhas, cores e formas; na música, é uma certa relação entre sons, timbres e ritmos, etc.
  - Mesmo quando uma obra de arte representa algo não é isso que faz dela arte. A representação não é essencial. Só a forma importa.
  - Certas obras não são realmente arte, pois não têm forma significante: são apenas descritivas e informativas.
  - Objetivos:**
    - A teoria é circular, pois explica a forma significante e a emoção estética remetendo uma para a outra.
    - Há contraexemplos, pois existem objetos considerados artísticos que não se distinguem visualmente de outros (têm a mesma forma) que não são artísticos; logo, a forma significante não permite diferenciar o que é arte do que não é.
- Teoria institucional, de Dickie:** a arte não tem uma essência, não existem características intrínsecas que todas as obras de arte partilhem; mas é possível definir a arte indicando características contextuais (e que são condições necessárias e suficientes).
  - O contexto relevante é o «mundo da arte» (uma instituição social formada por artistas, críticos, galeristas, público, etc.).
  - Algo é arte se for um artefacto e se for considerado arte por um membro do mundo da arte, ou seja, se este atribuir o estatuto de candidato a apreciação a um objeto ou atividade, isso torna-se uma obra de arte. (Um artefacto pode ser produzido pelo artista ou escolhido/recolhido por ele, mesmo sem modificação.)
  - A teoria institucional não é normativa, mas sim classificativa: tenta dizer o que é a arte e não distinguir a boa e a má arte.
  - Objetivos:**
    - A noção de mundo da arte é vaga: não se sabe quais são as suas regras, o que é legítimo ou não um membro fazer, etc.
    - Há obras consideradas artísticas, mas cujos autores estão fora do mundo da arte: intuitivamente, não parece certo que se tornem arte apenas quando alguém do mundo da arte as reconhece (são contraexemplos).

Exercícios frequentes de revisão e aplicação, ao longo dos capítulos, complementados por uma ficha formativa no final de cada capítulo.



...a palavra arte referindo-se a coisas  
...pertencem os exemplos apresentados em cada...



C.



F. Frida Kahlo com o seu animal de estimação



me



2. Indica a alínea que se relaciona com o problema da definição de arte.
  - A. A arte permitirá dar significado à vida?
  - B. Conhecer a intenção do artista será importante para compreender a obra por ele criada?
  - C. Será que a arte deve ser utilizada para educar as pessoas, inculcando-lhes certos valores religiosos ou morais?
  - D. Um urinol, ao ser exposto numa galeria de arte, torna-se uma obra de arte?
3. Quais são as teorias que defendem a possibilidade de encontrar características intrínsecas e comuns a todas as obras de arte?
  - A. essencialistas;
  - B. não-essencialistas;
  - C. essencialistas e não-essencialistas.
5. Selecciona a alternativa correta.
  - 5.1 As teorias que apresentam certas características contextuais para definir a arte são
    - A. essencialistas.
    - B. não-essencialistas.
    - C. a institucional, a expressivista e a formalista.
    - D. a histórica, a representacional e a formalista.
  - 5.2 Uma das teorias não-essencialistas da arte é a
    - A. representacional.
    - B. expressivista.
    - C. formalista.
    - D. institucional.
  - 5.3 Um livro é um objeto feito de papel. A explicação mais completa para o facto de esta não ser uma boa definição de livro é que
    - A. nem todos os livros são feitos de papel.
    - B. nem todos os objetos feitos de papel são livros.
    - C. não apresenta nem condições necessárias nem condições suficientes.
    - D. ignora desenvolvimentos recentes, como os ebooks.

EXCLUSIVO DO PROFESSOR

## Respostas

2. D
3. Teorias essencialistas: a representacional, a expressivista e a formalista.
- 4.
- A. Existe uma essência da arte. Nas obras de arte estão presentes propriedades ou características intrínsecas que permitem distingui-las de outros objetos que não são arte.
- B. Não existe uma essência da arte. As obras de arte distinguem-se dos objetos que não são arte devido a características contextuais (e não intrínsecas).
- C. É possível indicar condições necessárias e suficientes da arte e, por isso, é possível defini-la.
- 5.1 B  
5.2 D  
5.3 C

**4 Filosofia da religião**

**EXCLUSIVO DO PROFESSOR**

**Respostas**

1.1 D  
1.2 A  
1.3 E

2. Sugestões de resposta (estas ou outras com significado equivalente):  
a) acreditar/ter fé  
b) de Deus ou de deuses  
c) reencarnação/adoração  
d) que admite a existência de um só Deus  
e) o cristianismo  
f) o islamismo (ou o judaísmo)

3.1 A concepção teísta de Deus.  
3.2 Indicar uma destas características: intervém no universo / guia as pessoas / é um ser pessoal (a quem podemos dirigir pedidos).  
3.3 Rezar e acender velas.

**Exercita I**

**1. Identifica a alternativa correta.**

**1.1** A Filosofia da religião  
A. pressupõe a existência de Deus.  
B. procura mostrar que Deus não existe.  
C. discute se Deus existe ou não, apelando à fé religiosa.  
D. discute se Deus existe ou não, apelando à razão.

**1.2** Segundo o teísmo, Deus **não** é  
A. indiferente ao mundo.  
B. sumamente bom e omnisciente.  
C. um ser pessoal.  
D. onipotente e transcendente.

**1.3** O cartoon ao lado, se for interpretado literalmente, apresenta uma contradição, pois pressupõe que  
A. as proposições «Deus existe» e «Deus não existe» são ambas falsas.  
B. as proposições «Deus existe» e «Deus não existe» são ambas verdadeiras.  
C. a proposição «Deus existe» é falsa e a proposição «Deus não existe» é verdadeira.  
D. a proposição «Deus existe» é verdadeira e a proposição «Deus não existe» é falsa.

**2. Completa os espaços em branco de modo a obteres afirmações verdadeiras.**  
A fé religiosa envolve a) \_\_\_\_\_ na existência b) \_\_\_\_\_, por quem se tem c) \_\_\_\_\_.  
Uma religião monoteísta é uma religião d) \_\_\_\_\_ e dois exemplos são e) \_\_\_\_\_ e f) \_\_\_\_\_.

**3. Analisa, atentamente, a canção Into My Arms, de Nick Cave, e responde às questões seguintes.**

**3.1** Qual é a concepção de Deus rejeitada no primeiro verso da canção?  
**3.2** Indica uma característica do Deus teísta mencionada na canção.  
**3.3** Dá dois exemplos de rituais referidos na canção.

**Nota**  
Letra da canção disponível no Dossier do Professor, separador «Respostas Inusual» e em Aula Digital.

**«Você é ateu? Sou, graças a Deus!»**

**Duete aqui a canção Into My Arms, de Nick Cave**

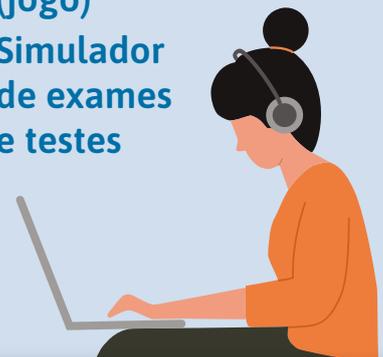
234

## DOSSIÊ DO PROFESSOR

- Questões-aula
- Testes
- Banco de questões

## AULA DIGITAL

- Kahoot
- Testes interativos
- Polígrafo filosófico
- Penso, logo acerto (jogo)
- Simulador de exames e testes



**3 Filosofia da arte**

**Põe-te à prova**

**GRUPO I**

Seleciona a alternativa correta.

**1. Considera a afirmação:**  
«[...] Em todas as circunstâncias, o artista é visto como um criador de um artefacto que tem uma certa propriedade como a de ser representativo, simbólico ou expressivo.»  
George Dickie, *Introdução à Estética*, Lisboa, 2008, p. 140

O modo como no texto é descrito o papel do artista relaciona-se com as teorias  
(A) institucional e histórica.  
(B) representacional e expressivista.  
(C) institucional e expressivista.  
(D) institucional e representacional.

**2. Lê atentamente o texto seguinte:**  
«Não podemos transformar qualquer coisa em obra de arte (...). Não posso transformar todos os artefactos de Londres em obras de arte por ter simplesmente a intenção de que estes sejam vistos como as obras de arte do passado têm sido vistas. Não tenho o direito de propriedade adequado sobre todos os artefactos de Londres.»  
Nigel Warburton, *O Que é a Arte?*, Bimélio, Lisboa, 2007, p. 128 (adaptado)

Estas ideias enquadram-se explicitamente na teoria  
(A) formalista. (C) histórica.  
(B) institucional. (D) expressivista.

**3. Muitas pessoas apreciadoras de arte dizem experimentalmente, diante de uma obra de arte, emoções como a alegria ou a raiva, mas não a emoção estética. Estas dificuldades permitem fazer uma objeção à teoria**  
(A) histórica. (C) institucional.  
(B) formalista. (D) expressivista.

**4. Um defensor da teoria institucional da arte não diria que as obras de arte**  
(A) necessitam de ser encaradas, pelo menos em parte, como o foram as do passado.  
(B) têm de ser reconhecidas por alguém do mundo da arte.  
(C) dependem do enquadramento institucional adequado.  
(D) são artefactos.

**EXCLUSIVO DO PROFESSOR**

**Respostas**

**GRUPO I**

1.B  
2.C  
3.B  
4.A  
5.D  
6.C  
7.B  
8.A

**5. Em qual das afirmações seguintes não se encontra uma objeção à teoria expressivista?**  
(A) Um artista pode expressar numa obra, por encomenda, emoções que não vivenciou.  
(B) É impossível ter acesso aos estados emocionais do artista.  
(C) Há obras de arte que não expressam emoções.  
(D) O artista ao criar a obra torna-se consciente das suas próprias emoções.

**6. Muitas pessoas ao apreciarem a arte não conseguem identificar a forma significativa. Esta dificuldade permite formular uma objeção à teoria**  
(A) expressivista. (C) formalista.  
(B) institucional. (D) histórica.

**7. Analisa as obras seguintes.**

**a** **b** **c** **d**

Tête Occise, de Amadeo de Souza-Cardoso (1915) | Rugó, de Victor Vasarely (1978) | Rapariga com Brinco de Pérola, de Johannes Vermeer (c. 1645) | Blaze 1, de Bridget Riley (1962)

As obras que permitem, inequivocamente, ilustrar a teoria da arte como representação são as  
(A) a, b e c. (C) b e d.  
(B) a e c. (D) c e d.

**8. Os defensores das teorias essencialistas negam**  
(A) a relevância, para a definição de arte, das propriedades relacionais das obras de arte.  
(B) a possibilidade de existir uma definição que englobe a diversidade dos fenómenos da arte.  
(C) que a arte seja definível em termos de condições necessárias e suficientes.  
(D) que a arte não seja um conceito aberto.

222

pp. 226-227

TEMA 4 - FILOSOFIA DA RELIGIÃO  
CAPÍTULO 4

## Filosofia da religião – o problema da existência de Deus

Fotograma do filme O Quarto do Filho, de Nanni Moretti, que retrata o sofrimento de uma família após a morte de um filho.



FIG. 4.1  
Deus existe? Há razões para acreditar em Deus?

SITUAÇÃO INICIAL

### Porquê tanto mal?

«Fazia sempre os trabalhos de casa – disse o Senhor Michaels [acerca do seu falecido filho, de 12 anos]. – Ajudava sempre a mãe. Não havia nele uma ponta de egoísmo. Dedicado. Assediado. Todas as semanas escrevia uma carta a cada um dos irmãos [combatentes na Segunda Guerra Mundial], cartas cheias de notícias que nos lia à mesa do jantar. Sempre a animar a mãe quando a via mais triste com a ausência dos dois filhos mais velhos. Sempre a fazê-la rir. Porque é que o Alan apañou a pólo? Porque é que ele havia de adoecer e morrer? Onde está a justiça de uma coisa destas?

– Não está em lado nenhum – disse o Senhor Cantor [que havia sido professor de Alan e tinha ido apresentar as condolências à família].

– Uma pessoa faz o que deve fazer, sempre e em todas as circunstâncias. Tenta ser ponderada, razoável e condescendente, e no fim acontece isto. Que sentido tem a vida?

– Onde está a balança da justiça? – perguntou o pobre homem.

– Parece que em lugar nenhum – respondeu o Senhor Cantor.

– Porque é que a tragédia se abate sempre sobre quem menos a merece?

– Não sei responder-lhe – disse o Senhor Cantor.

– Porque não eu no lugar dele?

O Senhor Cantor não tinha resposta para tal pergunta. Limitou-se a encolher os ombros.

– Um rapaz... a tragédia atinge um rapaz. Uma crueldade! – disse o Senhor Michaels, batendo com a mão aberta no braço do cadeirão. – Uma coisa incompressível! Uma doença terrível cai do céu e mata uma pessoa do dia para a noite. Uma criança, nada menos!

O Senhor Cantor só queria ser capaz de pronunciar uma palavra, uma única, que aliviasse, mesmo que só por um momento, o sofrimento angustiado daquele pai. Mas nada mais conseguiu fazer do que anuir com a cabeça.»

Philip Roth, *Ninguém, Deus Quiseste*, Lisboa, 2011, pp. 44-46 (adaptado)

EXCLUSIVO ALUNO

aula digital

• Animação  
Porquê tanto mal?

• «Pólo» é a abreviação da poliomielite, doença que afeta, sobretudo, crianças. É uma infeção viral muito contagiosa. A poliomielite pode causar paralisia irreversível e, às vezes, a morte. Hoje em dia é pouco frequente, graças à vacinação (identificada na década de 1950). O romance passa-se no verão de 1944, nos EUA, na cidade de Newark, e lá há dos efeitos de uma epidemia de poliomielite nas crianças, nas famílias e na comunidade.

1. Algumas pessoas olham para o mundo e, ao descobrirem situações como a que é descrita no texto, concluem que devemos duvidar da existência de Deus. Terão essas pessoas razão? Porquê?
2. Olhando atentamente para o mundo em que vivemos, algumas pessoas continuam a pensar que é possível acreditar em Deus. Que razões poderão justificar essa crença?

CONCEITOS PRINCIPAIS

- Filosofia da religião
- Deus
- Teísmo
- Deísmo
- Ateísmo
- Agnosticismo
- Argumento teleológico
- Argumento ontológico
- Problema do mal
- Fideísmo

CONHECIMENTOS, CAPACIDADES E ATITUDES

1. Formular o problema da existência de Deus, justificando a sua relevância.
2. Conhecer o fenómeno da diversidade religiosa.
3. Caracterizar o teísmo, distinguindo diferentes concepções de Deus.
4. Explicar os argumentos a favor do teísmo: o argumento cosmológico, o argumento teleológico e o argumento ontológico.
5. Apresentar objeções aos argumentos teístas acerca da existência de Deus.
6. Esclarecer em que consiste o problema do mal.

...mente diferentes respostas ao problema do mal, a de Pascal.

9. Apresentar objeções à argumentação de Pascal a favor da crença religiosa.
10. Analisar, aplicando as formas de inferência válida, a validade e a solidez dos argumentos estudados.
11. Conhecer outras formulações mais atuais de alguns dos argumentos estudados.
12. Comparar as várias posições, os argumentos e as objeções estudadas quanto ao problema da existência de Deus.
13. Avaliar criticamente os argumentos a favor e contra a existência de Deus e defender uma posição pessoal.

EXCLUSIVO PROFESSOR

Respostas

Respostas às questões da Situação Inicial (a) (Brasil) do Professor, separador «Respostas (mensal)» e em Aula Digital.

227

## Abertura de capítulo e Situação inicial

pp. 254-255

4 Filosofia da religião

### A defesa da edificação do caráter

AS DIFICULDADES FORMAM O CARÁTER!



FIG. 4.35  
Sofrer intensamente pode fazer de nós melhores pessoas?

O mal – quer moral que natural – é necessário para desenvolver o caráter moral. Se não existisse mal no mundo, as pessoas não poderiam desenvolver virtudes como a coragem, a generosidade, a capacidade de sacrifício, a perseverança e a compaixão, pois estas são reações aos problemas e dificuldades que surgem e, por isso, o seu desenvolvimento requer situações mais e difíceis para enfrentarmos. Num mundo hedonista – sem doenças, sem desastres naturais, sem escassez de alimentos, sem guerras, sem crimes... – as pessoas não teriam acesso a situações onde pudessem demonstrar compaixão, generosidade ou coragem. Sem perigos, por exemplo, como poderia haver oportunidade de alguém se revelar corajoso? Por isso, num mundo sem males, seríamos pessoas com menos valor.

Uma das objeções que se pode apresentar a esta resposta é que a quantidade de mal existente parece ser maior do que o necessário para promover o desenvolvimento do nosso caráter. É isso sugere que há mal gratuito e sem sentido.

«Se, por exemplo, o número de pessoas que morrem de cancro por ano fosse reduzido para metade, isso seria ainda suficiente para nos fazer apreciar a saúde. E, como já temos de lidar com o cancro, não precisamos da SIDA, da distrofia muscular, da paralisia cerebral, da espinha bífida, da difteria, do Ébola, das doenças cardíacas, da lepra, da peste bubónica e da epidermólise bolhosa (uma doença genética que provoca bolhas por todo o corpo, o bebê não pode ser agarrado nem mesmo ficar de pé por si só).»

Problemas da Filosofia, Gradiva, Lisboa, 2009, pp. 38 e 60 (adaptado)

### Não sabemos o suficiente para considerar o mal injustificado

Outra resposta ao problema do mal salienta que somos seres cognitivamente limitados e não sabemos o suficiente para perceber sempre qual é o bem maior que resulta da ocorrência de um certo mal e, por isso, parece-nos que este não tem sentido. Por vezes conseguimos perceber que certos males trazem bens muito maiores. Mas muitas outras vezes não conseguimos.

Vamos imaginar uma pessoa que observa uma bela pintura de uma paisagem a um centímetro de distância: apenas vê manchas de cor e não visualiza a paisagem representada nem se apercebe da sua beleza. De acordo com Leibniz, os seres humanos não comparáveis a essa pessoa, pois têm experiência e conhecimento apenas de uma pequena parte da realidade, vemos o mais imediato e não o todo, e por isso não conseguimos compreender as razões pelas quais muitas coisas acontecem nem as suas consequências. Observam a morte de uma criança devido a uma doença dolorosa, mas não se apercebem de que esse terrível acontecimento está associado a outros acontecimentos muito melhores, e de que o bem resultante destes compensa o mal do outro. A ideia central desta resposta está, de algum modo, presente no conhecido provérbio popular: «Deus escreve direito por linhas tortas.»

«Acredito que Deus criou coisas em perfeição última, apesar de não nos parecer isso ao considerar partes do Universo. É um pouco como o que acontece na música e na pintura, pois as sombras e dissonâncias melhoram verdadeiramente as outras partes, e o autor sábio de tais obras obtém destas imperfeições particulares um benefício tão grandioso para a perfeição total do seu trabalho que é muito melhor dar-lhes espaço do que tentar passar sem elas. Assim, temos de acreditar que Deus não teria permitido o pecado nem teria criado coisas que sabe que irão pecar, se não tivesse obtido delas um bem incomparavelmente maior do que o mal que daí resulta.»

Condell Leibniz, «Diálogo sobre a Liberdade Humana e o Orígem do Mal», in *Doutorinho Maluco, A Enciclopédia de Deus - O Espiritual*, Futano Editora, Lisboa, 2020, p. 40

Uma objeção que se pode colocar a esta resposta é que é pouco coerente: se somos demasiado limitados em termos cognitivos para perceber as razões justificativas dos males que acontecem, também somos demasiado limitados para falar de Deus e afirmar a sua existência e os seus atributos (como a onipotência e a suma bondade).

O que te parece mais plausível, o problema do mal ou as respostas?

EXCLUSIVO PROFESSOR

Nota

Sobre esta resposta Leibniz, ver *Doutorinho*, separador «Respostas (mensal)» e em Aula Digital.

Numa antiga série de TV, *Um Certo No Pradaria*, a jovem Mary perde subitamente a visão e fica muito revoltada. Os pais tentam consolá-la dizendo que «fai a vontade de Deus» e que «por vezes os caminhos de Deus são misteriosos, mas bons». Essa explicação aumenta a revolta de Mary, que perde a fé religiosa. Mais tarde, Mary vai para uma escola para invisuais, onde aprende Braille e se apaixona por um jovem professor. Casada e de volta à sua terra, Mary funda uma escola para invisuais, ajudando inúmeras pessoas. Feliz e realizada, confessa: «Agora percebo o que Deus queria de mim ao tirar-me a visão.»

255

## Texto didático e excertos de textos de filósofos

## Objções à aposta de Pascal

### As crenças não são voluntárias

Quando uma pessoa acredita sinceramente em algo, essa crença não resulta de uma decisão. Ela não decide acreditar, ela descobre que acredita. Por isso, mesmo que um ateu ou um agnóstico leiam Pascal e concordem com ele quando defende que é mais vantajoso acreditar em Deus do que não acreditar, dificilmente conseguirão desenvolver uma crença sincera na sua existência.

«Mesmo que aceitemos o argumento do apostador, ficamos ainda com o problema de não nos ser possível acreditar em seja o que for que queiramos. Não podemos, pura e simplesmente, decidir acreditar em algo. Não posso decidir acreditar amanhã que os porcos voam, que Londres é a capital do Egito, ou que existe um Deus todo-poderoso, onisciente e sumamente bom. Preciso de estar convencido que estas coisas são de facto assim antes de poder acreditar nelas. Mas o argumento do apostador não me oferece quaisquer dados para me convencer de que Deus existe: diz-me apenas que, como apostador, será uma boa ideia passar a acreditar que isso é verdade. Mas agora tenho de enfrentar o problema seguinte: para poder acreditar em algo tenho de acreditar que isso é verdade.»

Nigel Warburton, *ibid.*, p. 39

### Argumento inapropriado

A aposta de Pascal parece promover uma atitude interesseira e pouco sincera em relação à religião. Porque haveria um ser onipotente, onisciente e perfeito – caso exista – de ficar agradado com uma tal atitude? Mesmo admitindo a existência de Deus, talvez um ateu sincero e bem-intencionado tenha mais valor do que um crente interesseiro.



«Apostar na existência de Deus por ganharmos com isso a hipótese da vida eterna, fingindo seguidamente crer realmente na sua existência por causa do prémio que ganharmos se tivermos razão, parece uma atitude inapropriada para tomarmos em relação à existência de Deus. O filósofo e psicólogo William James (1842-1910) foi ao ponto de afirmar que se estivesse na posição de Deus teria grande prazer em impedir a entrada no Céu às pessoas que acreditassem nele com base neste processo. O processo parece, todo ele, insincero e inteiramente motivado pelo interesse próprio.»

Nigel Warburton, *ibid.*, p. 40

O que te parece mais plausível, a aposta de Pascal ou as objções?

### Quadro-síntese sobre o problema da existência de Deus

Argumentos	Objções
Argumento cosmológico	• Qual é a causa de Deus? • A causa primeira pode não ser o Deus teísta
Argumento teleológico	• O criador inteligente pode não ser o Deus teísta • A crítica baseada em Darwin
Argumento ontológico	• Será Deus o ser maior do que o qual nenhum outro pode ser pensado? • Permite «provar» coisas irrais
O problema do mal	• A defesa do livre-arbítrio • A defesa da edificação do caráter • Não sabemos o suficiente para considerar o mal injustificado
Argumento da aposta de Pascal	• As crenças não são voluntárias • Argumento inapropriado

PROFESSOR • ALUNO

aula digital  
Animação  
Paísgrafo Filosófico

EXCLUSIVO DO PROFESSOR

**Respostas:**  
1. Pascal pretende mostrar que há boas razões práticas, evidenciando para acreditar em Deus, que se pode mais em ter essa crença do que em não a ter.  
2. Aos ateuos e aos agnósticos.  
3. Para Pascal, não é possível, porque racionalmente a existência de Deus, pelo seu ultrapasso em limites do pensamento humano. A sua de acção de Deus é a fé e não a razão. No entanto, os seres humanos podem socorrer-se do raciocínio para compreender que é preferível acreditar a crença em Deus do que não a ter, já que as vantagens de a fazer, do ponto de vista prático, são superiores.  
4. A utilidade, porque se há uma razão, ponderação dos ganhos e das perdas, defendendo que a escolha deve recair na opção que produz mais benefícios: apostar na existência de Deus.  
5. As pessoas não podem decidir se há ou não Deus, depende inteiramente de fatores conscientes ou subconscientes, como a repetição de certas ações.  
6. Talvez que se tratava de alguém interessado, pouco sincero, mas uma fé genuína vale fosse digna de aprço.

aula digital

### Exercita V

1. O que pretende Pascal com o argumento da aposta?
2. A quem se destina o argumento da aposta?
3. Segundo Pascal, na relação do ser humano com Deus, qual é o papel da fé e da razão?
4. As crenças podem ter diversas características, nomeadamente a verdade e a utilidade. O argumento da aposta apela, em primeiro lugar, à verdade ou à utilidade? Porquê?
5. Apresenta uma objção à ideia de que uma pessoa deve procurar incutir em si própria a crença em Deus.
6. Supondo que Deus existe, o que poderia ele pensar de quem apostasse na sua existência?

**Exercita:**  
exercícios ao longo do capítulo

## Relembra ideias-chave

- **Problema da existência de Deus:** Será que Deus existe realmente? Haverá boas razões para afirmar a sua existência?
- **Religiões mono-teístas:** crença num só Deus.
- **Religiões politeístas:** crença em vários deuses.
- **Ateísmo:** negação da existência de Deus.
- **Agnosticismo:** suspensão do juízo acerca da existência de Deus, não afirmando nem negando a sua existência.
- **Teísmo:** concepção de Deus como um ser pessoal, onipotente, onisciente, eterno, sumamente bom, criador do universo, etc.
- **Deísmo:** concepção de Deus como um ser todo-poderoso, que criou o universo mas não intervém nele.
- **Fé religiosa:** crença na existência de Deus e atitudes de veneração e confiança em Deus.
- **Filosofia da religião:** exame crítico das crenças e dos conceitos religiosos fundamentais: Deus, fé, etc.

- **O argumento cosmológico** procura provar a existência de Deus a partir do facto empiricamente constável de existirem coisas no universo. Por isso, é um argumento a posteriori.
- Os seres sensíveis não se causam a si mesmos, têm causas anteriores. Não é possível recuar infinitamente na série de causas e, por isso, tem de existir uma causa primeira incausada. Esta só pode ser Deus (que não faz parte do universo).
- **Objções**
  - Não se percebe como pode Deus ser incausado, mesmo admitindo que tem uma natureza diferente do universo. Explicar a existência do universo através de Deus também coloca o problema da regressão infinita das causas.
  - Mesmo admitindo que o argumento prova a necessidade de uma causa primeira, não permite a identificação desta com o Deus teísta.



Tomás de Aquino

- **O argumento teleológico** procura provar a existência de Deus a partir do alegado facto empírico de o universo exibir ordem e designio (ou finalidade). Por isso, é um argumento a posteriori.
- Inúmeras coisas da natureza, como as árvores ou os olhos, são destituídas de inteligência e, ainda assim, funcionam de uma maneira que parece orientada para uma finalidade. Esta deve de lhes ser dada por um criador inteligente (Deus).

- **Objções**
  - Mesmo admitindo que o argumento prova a necessidade de um criador inteligente, este pode não ser o Deus teísta.
  - A teoria da evolução explica a complexidade da natureza através do processo da seleção natural e sem pressupor que há designio na natureza, o que mostra a improbabilidade de existir um criador inteligente.

- **O argumento ontológico** procura provar a existência de Deus a partir da própria ideia ou definição de Deus e, por isso, é um argumento a priori, não se baseando em premissas empíricas.
- Uma vez que a ideia que temos de Deus é a ideia do ser mais grandioso que se pode conceber, é preciso admitir que ele existe, pois se não existisse poder-se-ia imaginar um ser ainda mais grandioso, o que seria contraditório.



Anselmo de Cantuária

- **Objções**
  - A definição de Deus como o ser mais grandioso que se pode conceber é incorreta, pois podemos sempre imaginar um ser ainda mais grandioso.
  - O argumento ontológico tem consequências absurdas: utilizando a sua estrutura argumentativa somos levados a afirmar a existência de coisas manifestamente irrais.

- **Problema do mal:** Se há tanto mal, não será improvável existir um Deus onipotente, onisciente e sumamente bom?
- O mal pode ser moral (como o assassinio e a tortura) ou natural (como as catástrofes naturais e as doenças de origem genética).
- Alguns males parecem ter justificação, mas outros parecem ser gratuitos e sem sentido. É difícil perceber como é que Deus os poderia permitir, caso existisse.

- Alguns filósofos, como Leibniz, elaboraram teodiceias: explicações das razões pelas quais Deus terá permitido que o mal ocorresse. Três justificações possíveis são que o mal existe para
  - que os seres humanos tenham livre-arbítrio. Os seres humanos são livres e, por isso, alguns escolhem agir mal e fazer ações que provocam sofrimento;
  - que os seres humanos tenham oportunidade de desenvolver virtudes importantes como a coragem e a esperança;
  - permitir a existência de bens maiores (embora nem sempre consigamos perceber quais são, devido às nossas limitações cognitivas).



Gottfried Leibniz

- **Pascal concluiu** que nenhum dos argumentos a favor e contra a existência de Deus é sólido e que não conseguem provar nem a existência nem a inexistência de Deus.
- Segundo Pascal, é a fé, e não a razão, que nos permite aceder a Deus. Para ele, acreditar em Deus sem provas racionais é apropriado. Essa perspetiva é conhecida como fideísmo.
- A razão humana é incapaz de demonstrar a existência de Deus, mas pode mostrar que faz mais sentido acreditar em Deus do que não acreditar: os ganhos são superiores às perdas.
- A aposta de Pascal consiste na seguinte ideia: se uma pessoa «apostar» na existência de Deus e Ele existir, ganhará a vida eterna; caso Deus não exista, não perderá nada de significativo (apenas o tempo que gastou em cerimónias e leituras religiosas). Por outro lado, caso a pessoa «aposte» que Deus não existe e Ele afinal exista, perderá a vida eterna.
- **Objções**
  - As crenças não são voluntárias: não podemos simplesmente decidir acreditar em algo, precisamos de indícios que nos levem a acreditar. Descobrimos que acreditamos, não decidimos.
  - O argumento é inapropriado, embora



Pascal

**Relembra ideias-chave:**  
síntese do capítulo

PROFESSOR • ALUNO  
aula digital  
Áudio-ressumo



pp. 270-271

4 Filosofia da religião

### Analisa textos

**EXCLUSIVO DO PROFESSOR**  
 Divisão do Professor: Mais textos complementares no separador «Textos Complementares» e em Aula Digital.  
 Respostas: Respostas às questões no Diário do Professor, separador «Respostas Interativas» e em Aula Digital.

**TEXTO 1**  
 Lê, atentamente, o texto 1 e responde às questões.

«Temos de contar a religião, sem dúvida, juntamente com a arte e a ciência, entre os aspetos mais fundamentais e ubíquos da civilização humana. Como tal, é digna do escrutínio e do estudo mais cuidadosos. Mas a religião é um aspeto tão complexo da vida humana e de tão vastas consequências que jamais uma só disciplina poderá estudá-la exaustivamente. Por isto se estuda a religião em diferentes disciplinas: filosofia, história, antropologia, sociologia, psicologia. A filosofia da religião é um dos ramos da filosofia, como a filosofia da ciência, a filosofia do direito e a filosofia da arte. Podemos compreender melhor o que é a filosofia da religião começando pelo que não é. Em primeiro lugar, não se pode confundir a filosofia da religião com o estudo da história das principais religiões de acordo com as quais os seres humanos têm vivido. Ao estudar a história de uma religião particular - o cristianismo, por exemplo - leríamos algo sobre a sua origem a partir do judaísmo, a vida de Jesus, a emergência da igreja cristã no seio do império romano, o desenvolvimento das doutrinas características da fé cristã. Pode-se levar a cabo estudos semelhantes a respeito de outras religiões importantes: judaísmo, islamismo, budismo, hinduísmo. Embora tais estudos sejam importantes para a filosofia da religião e por vezes possa haver sobreposição de ambas as áreas, não as podemos confundir. Em segundo lugar, não se pode confundir a filosofia da religião com a teologia. A teologia é uma disciplina em grande medida interior à religião. Como tal, desenvolve as doutrinas de uma fé religiosa particular e procura fundamentá-las quer na razão comum à humanidade (teologia natural) quer internamente, na palavra revelada de Deus (teologia revelada). Embora a filosofia da religião se interesse fundamentalmente por estudar a maneira como as pessoas que têm crenças religiosas as justificam, o seu interesse primário não é justificar ou refutar um conjunto particular de crenças religiosas mas avaliar os géneros de razões que as pessoas dadas à reflexão têm apresentado a favor e contra as crenças religiosas. A filosofia da religião, ao contrário da teologia, não é fundamentalmente uma disciplina interior à religião, mas uma disciplina que estuda a religião de um ponto de vista abrangente. Do mesmo modo que a filosofia da ciência e a filosofia da arte, a filosofia da religião não faz parte do objeto de estudo a que se dedica.»

William L. Rowe, *ibid.*, pp. 15-16

1. Indica as áreas de estudo com as quais a filosofia da religião não deve ser confundida.
2. De acordo com o texto, de que se ocupa a filosofia da religião?

720

**TEXTO 2**  
 Lê, atentamente, os textos 2 e 3 e responde às questões.

«A versão mais famosa do argumento do designio é a de William Paley no livro *Teologia Natural*, publicado em 1802. Paley expõe o argumento mais ou menos nestes termos: Supõe que ao atravessares um bosque vês uma pedra e te interrogas acerca da sua origem. Poderias explicá-la facilmente recorrendo a meras causas geológicas e meteorológicas, como os movimentos da crosta terrestre, o vento, o calor, a chuva. Mas, se em vez de uma pedra encontrasses um relógio, não poderias fazer o mesmo. A razão está em que o relógio é um objeto complexo, constituído por rodas dentadas, engrenagens, molas, etc. (o relógio de Paley era do começo do século XIX), que operam em conjunto para dar as horas, de tal modo que a mínima alteração na organização das suas partes afetaria os resultados obtidos. Seria absurdo supor que um objeto com este nível de complexidade e ajustamento pudesse ter origem nas meras forças da natureza. Por conseguinte, o relógio tem de ter por origem um ser inteligente: o relojoeiro. Paley estende depois este raciocínio ao universo e aos objetos naturais nele existentes. Chama a atenção para os indícios de designio nos organismos e nos órgãos naturais e, em particular, no olho humano. Estas entidades naturais revelam um nível de organização, de ajustamento e de complexidade ainda maior do que o do relógio, pelo que, tal como o relógio, devem a sua existência a um ser inteligente, Deus, que os criou.»

Álvaro Nunes, *ibid.*

**TEXTO 3**  
 «Darwin fez desta ideia o princípio que está por detrás do mecanismo da seleção natural: nascem mais seres vivos do que os que o meio ambiente pode sustentar, pelo que os dotados de variações que favoreçam a sobrevivência sobrevivem e os outros não. Com o tempo, este processo faz as espécies evoluírem e produzir novas espécies. Vejamos um pouco mais em detalhe como a seleção natural funciona. (...) Imaginemos que num grupo de zebra ca uma zebra capaz de correr a 56 km/h, ta uma vantagem adaptativa signific capaz de correr um pouco mais depressa escapam aos predadores (que correm ta zira. Imaginemos agora que os descend ca da sua progenitora e correm també

**Analisa Textos:**  
 textos adicionais, numa linguagem acessível aos alunos, acompanhados de um guião com questões de análise e aplicação

p. 274

4 Filosofia da religião

### Aprender lá fora

**EXCLUSIVO DO PROFESSOR**  
 Nota: As tarefas sugeridas podem ser realizadas em trabalho de grupo.

**ATIVIDADE 1**  
**Visita de estudo, de curta duração, a um local religioso (uma igreja, uma sinagoga ou uma mesquita)**



FIG. 4.44 Interior da sinagoga de Lisboa

**GUIÃO DE TRABALHO**  
 Sugestão de tarefas a realizar, após a visita de estudo.

1. Procurar, interpretar e fotografar evidências arquitetónicas ou artísticas que expressem respeito ou reverência a Deus.
2. Assuntos sobre os quais podem ser colocadas questões ao responsável por esse local religioso:
  - o significado dos símbolos religiosos;
  - as principais ideias defendidas por esta religião;
  - aspetos que distinguem essa religião de outras religiões;
  - dúvidas ou curiosidades que se pretenda ver esclarecidas acerca dessa religião.

acerca da distinção entre a religião e a filosofia da ...  
 ...idade educativa, de alguns dos trabalhos realizados ...  
 ...gital ou outro).

**Aprender lá fora:**  
 atividades de natureza interdisciplinar e de aplicação, realizáveis fora da sala de aula.

p. 275

**Põe-te à prova**

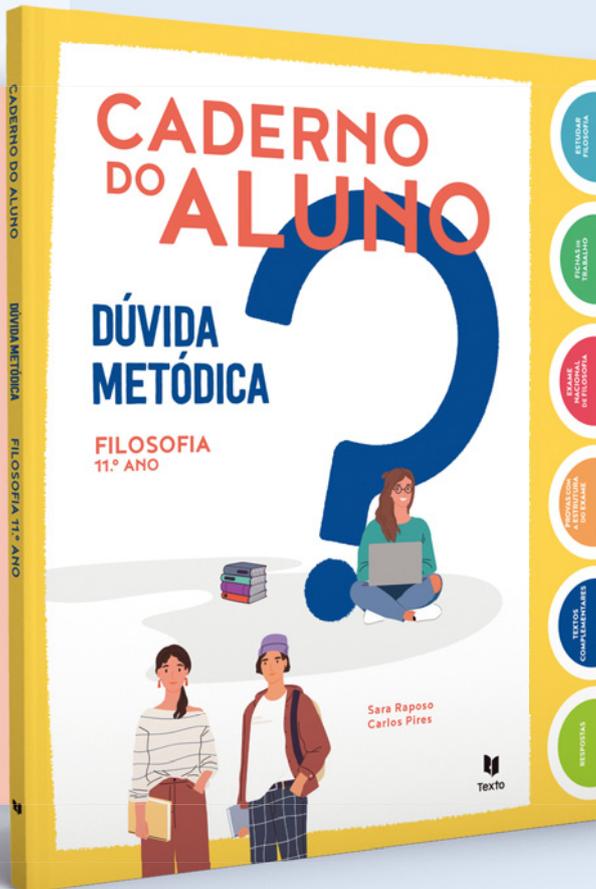
Seleciona a alternativa correta.

**GRUPO 1**

1. «É errado, em toda e qualquer circunstância e seja para quem for, acreditar em algo com base em provas insuficientes.» Esta afirmação de William Clifford (feita no livro *Ética da Crença*) é incompatível com o
  - (A) monoteísmo.
  - (B) fideísmo.
  - (C) ateísmo.
  - (D) teísmo.
2. A diferença entre ateísmo e agnosticismo é que, enquanto aquele defende que as razões pesam para o lado da crença de que Deus não existe, o agnosticismo defende que as razões
  - (A) pesam para o lado da crença de que Deus existe.
  - (B) contra a existência de Deus são conclusivas.
  - (C) não devem ser levadas em consideração.
  - (D) não pesam nem para o lado da crença de que Deus existe, nem para o lado da crença de que Ele não existe.
3. Ao explicar as coisas existentes a partir do nada, o filósofo afirma que o mundo começou... Esta frase faz parte de
  - (A) do argumento da origem da vida.
  - (B) do argumento da criação.
  - (C) do argumento da evolução.
  - (D) do argumento da seleção natural.
4. «Deus escreveu as leis da natureza e criou o mundo. Este ditado
  - (A) o proclama.
  - (B) a respeito.
  - (C) a respeito.
  - (D) a respeito.
5. Qual das seguintes afirmações é verdadeira?
  - (A) Deus criou o mundo.
  - (B) Não há Deus.
  - (C) As coisas existem sem Deus.
  - (D) Se Deus existe, Ele criou o mundo.

**Põe-te à prova:**  
 ficha formativa

**O manual permite:**  
 – uma utilização autónoma pelo aluno.  
 – diferentes utilizações por parte dos professores, que poderão mobilizar recursos do *Discute e/ou Visiona e/ou Analisa Textos* a par e passo ou no final de um capítulo.



O **Caderno do aluno** tem como objetivo principal ajudar os alunos a estudar melhor, explorando de forma autónoma outros recursos e informações, além dos apresentados no manual, e fornecendo algumas sugestões práticas e informações (como fazer um ensaio argumentativo ou responder a diferentes tipos de perguntas em Filosofia).

Entre outros conteúdos, disponibiliza:

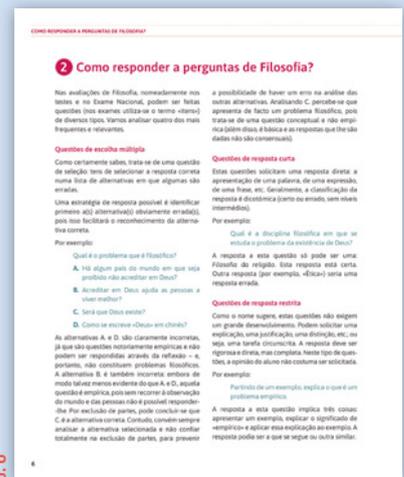
- 20 Fichas de trabalho e propostas de resolução;
- textos complementares (para o aluno explorar de forma autónoma, de acordo com os seus interesses);
- informação sobre recursos digitais disponíveis para os alunos;
- relembra ideias-chave do 10.º ano e 2 provas com a estrutura do Exame Nacional de Filosofia.

### → Sugestões sobre como estudar Filosofia



p. 5

### → Sugestões sobre como responder a perguntas de Filosofia



p. 6

→ Sugestões para um debate proveitoso

**3 Como debater?**

**Sugestões para um bom debate de ideias**

1. Ouvir ou ler atentamente o interlocutor e tentar genuinamente compreender as suas ideias e razões.
2. Explicar com clareza o ponto de vista e as razões.
3. Estar disposto a mudar de ideia e a ser corrigido.
4. Acatar o direito de o interlocutor pensar de maneira diferente da nossa, ainda que não tenha razões adequadas a seu favor.
5. Informar-se adequadamente sobre o tema em discussão, estudando livros e artigos relevantes.
6. Dominar os instrumentos lógicos da discussão crítica de ideias.
7. Encarar a discussão como uma maneira de descobrir a verdade, e não como um desquite para ver quem ganha.

*Quelques heures, sans explication de l'histoire, nous sommes en présence de deux points de vue opposés sur le rôle de la religion dans la civilisation humaine.*

p. 8

→ Indicações para fazer um ensaio

**4 O ensaio argumentativo**

**4.1 Como fazer um ensaio?**

**1. O que é um ensaio filosófico?**

Um ensaio filosófico é um texto argumentativo em que se defende uma posição sobre um determinado problema filosófico. Uma vez que o melhor maneira de formular um problema é fazer perguntas, o objetivo de um ensaio filosófico é responder a uma pergunta e defender essa resposta, apresentando argumentos e refutando as objeções.

**2. O que se espera que um estudante mostre ao escrever um ensaio?**

Um ensaio deve mostrar que o seu autor sabe relacionar o problema com as teorias e os argumentos em causa. Num ensaio, o estudante não pode limitar-se a dar a sua opinião. Tem também de avançar com argumentos e de responder aos argumentos contrários.

**3. Como escolher o título do ensaio?**

A melhor maneira de iniciar o ensaio é apresentar o mais claramente possível o problema que vai tratar. É a melhor maneira de fazer o colocar uma pergunta. Exemplos de títulos de ensaios poderiam ser:

"Será que os animais têm direitos?"  
 "É a existência do mal compatível com a existência de Deus?"

**4. Como se prepara um ensaio?**

Leia criticamente os textos indicados pelo professor e que tratam o tema proposto. Nessa leitura, deve procurar identificar as teses em confronto e os argumentos que as sustentam. Deve ainda procurar assegurar-se de que compreende totalmente a que está em causa. Uma boa ideia é discutir os problemas e os argumentos com os outros.

**5. Como se deve estruturar um ensaio?**

Inicialmente, um ensaio tem três partes a introduzir: a introdução, o corpo do ensaio e a conclusão.

Tenha em mente que, num ensaio, apesar de a introdução ser a primeira coisa que se lê, é geralmente a última a ser escrita, pois depende do resultado final e é possível ter uma visão de conjunto do ensaio.

O ensaio deve ser estruturado de acordo com as seguintes nove regras:

1. Formula o problema
2. Diga qual o objetivo do ensaio
3. Mostre a importância do problema
4. Identifique os principais temas controversos
5. Apresente a tese que quer defender
6. Apresente os argumentos a favor desta tese
7. Apresente as principais objeções às que analisa de ser defendido
8. Responda às objeções
9. Termine as conclusões

Indicação: Capítulo 4

p. 9



→ Relembra Ideias-chave do 10.º ano

→ Fichas de trabalho (20)

**Ficha de trabalho n.º 1**

**CAPÍTULO 1**  
**Epistemologia – os problemas da definição, da possibilidade e da origem do conhecimento**

**1. Definição tradicional de conhecimento**

1. O conhecimento só é possível se existir uma relação entre dois elementos, identifica-os e indica a função de cada um deles.

2. De um exemplo de conhecimento proposicional que seja um exemplo de conhecimento prático que um neurocientista precise de ter.

**2. Segundo a definição tradicional de conhecimento, que condições são suficientes para existir conhecimento?**

3. Se alguém profere a afirmação seguinte, podemos afirmar que possui conhecimento? Porquê?

"Eu não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem" (titular popular)

4. Qual foi o principal objetivo da filósofa Gettier ao apresentar contraexemplos à definição tradicional de conhecimento?

5. A frase «chã não foi» expressa um conhecimento a posteriori ou a priori? Justifica.

6. A frase «um quadrado tem quatro lados» qualifica-se como um conhecimento a posteriori ou a priori? Justifica.

7. De um exemplo de algo que pode ser conhecido a priori e que também pode ser conhecido a posteriori.

p. 16

**O libertismo**

- Tese sobre livre-arbítrio e algumas ações são livres (isto não são causalmente determinadas).
- O libertismo é uma proposta incompatibilista, pois considera que o determinismo e o livre-arbítrio não podem coexistir.
- Ao agir livremente, o agente autodetermina-se, age independentemente de qualquer causa anterior e a única causa da ação é a própria decisão (autodeterminação do agente).
- O livre-arbítrio envolve a existência de possibilidades alternativas de ação realizadas em vez de uma única, mas podemos ter realizado outras.
- Argumento da experiência: temos experiência do livre-arbítrio (o sentido das livres) e, portanto, este existe. Ou seja, muitas vezes, ao fazer escolhas, não sentimos nenhuma espécie de constrangimento, nenhuma força a controlar-nos e a dirigir-nos a fazer algo.

**Argumento da responsabilidade** caso não exista livre-arbítrio, não é possível existir responsabilidade (pois cria-se um círculo vicioso: como se as pessoas podem ser responsabilizadas somente pelas ações de que são autores, mas, como não há responsabilidade, devemos concluir que o livre-arbítrio existe).

Para Sartre, a liberdade é fundamental, pois é ela que faz dos seres humanos aquilo que são. A existência precede a essência no sentido de que, ao ser humano não tem partida nenhuma natureza que estabeleça aquilo que são e o que devem fazer, mas tem de ser escolhidos por eles. Assim sendo, não podemos recusar a necessidade de escolher. Mesmo nas circunstâncias mais difíceis, podemos optar por fazer por iniciativa própria, como seres livres e responsáveis. Que, portanto, totalmente responsáveis pela nossa vida e pelas nossas ações.

**Objções ao libertismo**

- A ideia de que há ações sem causas anteriores é irracional e anti-intelectual, pois em qualquer ação que analisamos encontramos sempre causas causais.
- Podemos não sentir ou não reconhecer os efeitos produzidos pelas causas anteriores, a memória está, não existindo e determinando a nossa vontade. Portanto, o argumento da experiência não prova a existência de livre-arbítrio.

**O determinismo moderado**

- Tese sobre livre-arbítrio e algumas ações são livres.
- O determinismo moderado é compatibilista, pois considera compatíveis o determinismo e o livre-arbítrio – todos as ações são determinadas por causas anteriores, mas algumas são livres.
- Redefinição do conceito de livre-arbítrio não é possível, mas sim a possibilidade de causas anteriores, mas não a poder de fazer o que queremos e não fazer o que não queremos.
- Uma ação livre é realizada sem interferência ou coação (pressões externas) e se dá em condições de tempo e espaço adequadas.
- Essas condições e situações têm causas anteriores que o agente não controla, mas não há nenhuma liberdade à ação (liberdade que agente não tem) não há compatibilidade.
- Assim, existem possibilidades alternativas de ação e agente faz uma escolha, mas pode ter feito outras, caso o tivesse desejado.

**Objções ao determinismo moderado**

- Não permite compreender realmente a existência de atitudes psicológicas alternativas de ação, pois se em qualquer ação sempre há causas anteriores, não há liberdade de escolha, não parece possível fazer algo de diferente e alternativo.
- A redefinição do conceito de livre-arbítrio é simplista e não resolve o problema, pois as incompatibilistas não duvidam de que por vezes não podemos agir sem coação e não é isso que discutimos entre eles, mas se há um agente livre ou não autodeterminar-se.

p. 67

→ Provas com a estrutura do Exame Nacional

**Prova 1**  
 10.º e 11.º anos  
 Duração: 120 minutos | Tolerância: 30 minutos

1. «Todas as ideias são cópias das impressões. Quem pressentisse, aplicando o quadro de oposição, negar essa tese de Hume poderia fazê-lo dizer».

(A) Nenhuma ideia é cópia das impressões.  
 (B) Algumas ideias são cópias das impressões.  
 (C) Existem ideias que não são cópias das impressões.  
 (D) Não há ideias que copiem impressões.

2. Avalia a correção ou incorreção das seguintes frases:

1. A negação da consequente é uma forma de inferência válida.  
 2. A afirmação da antecedente é uma forma de inferência válida.  
 3. A afirmação da consequente é uma forma de inferência válida.  
 4. A negação da antecedente é uma forma de inferência válida.

(A) 1 e 2 são corretas, 3 e 4 são incorretas.  
 (B) 2 e 3 são corretas, 1 e 4 são incorretas.  
 (C) 1 e 4 são corretas, 2 e 3 são incorretas.  
 (D) 2 e 4 são corretas, 1 e 3 são incorretas.

3. A Maria considera moralmente legítimo o recurso à experimentação com animais nos pesquisas das vacinas contra a Covid-19. Quando discorde da tese de Maria poderá argumentar que as animais:

(A) à semelhança dos seres humanos, também sentem dor.  
 (B) ao contrário dos seres humanos, não têm direitos.  
 (C) são apenas um meio para um fim, que é laborar pessoas.  
 (D) devem ser encarados como meros instrumentos e não fins em si mesmos.

4. A ideia de que a verdade ou falsidade de algumas juízos de valor não depende nem do sujeito nem da cultura nasce-se no paradigma filosófico de:

(A) relativismo cultural.  
 (B) utilitarismo.  
 (C) subjetivismo.  
 (D) emotivismo.

p. 76

→ Textos complementares

**CAPÍTULO 1**  
**Epistemologia – os problemas da definição, da possibilidade e da origem do conhecimento**

**O ceticismo e o irracionalismo de Hume**

Hume não só frequentemente acusado de ceticismo e de irracionalismo. «Qual a razão de ser desta acusação? Um primeiro lugar, o facto de Hume ter recusado que não existe uma justificação racional para as nossas inferências causais. Muitos filósofos pensam que Hume pensou não haver razão para profere a cética a inferência. No entanto, é racionalmente justificável e, por isso, não há diferença essencial entre as percepções das evidências e as inferências das mesmas. Em segundo lugar, ao substituir a justificação racional pelo hábito, uma espécie de instinto natural sobre o qual a razão não tem poder. Nessa palavra, ter substituído a razão pela experiência. No entanto, Hume pensa que existem razões para profere a cética a inferência. As teorias da cética são suportadas pela observação e pela experiência, pela uniformidade da natureza, ou consistem de que acontece com as coisas naturalmente. Ele não considera, por isso, a sua filosofia uma forma de irracionalismo, mas sim desaprova que chamamos hábito natural, e não dúvida de que estabelecemos relações causais e

p. 86

→ Recursos digitais

**RECURSOS DIGITAIS DISPONÍVEIS PARA O ALUNO**

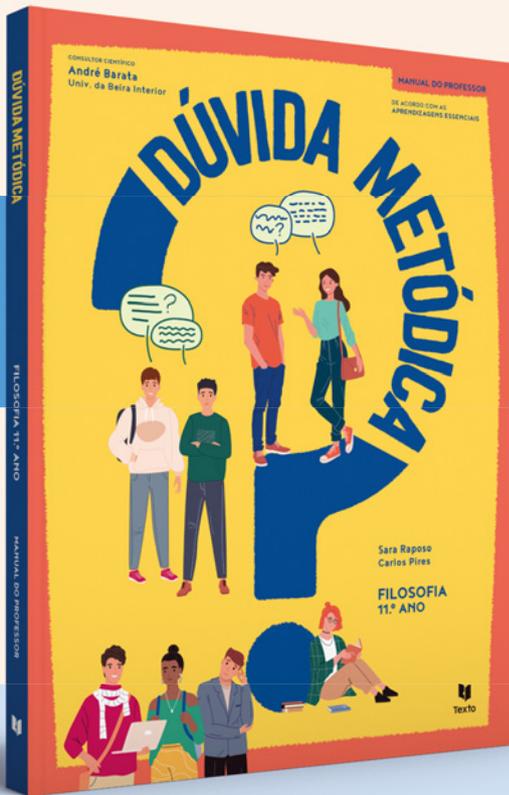
Os recursos multimídia foram pensados para te ajudar a estudar, facilitando a compreensão e a aquisição de conteúdos e a consolidação do conhecimento adquirido. A combinação entre momentos de aprendizagem e aplicação da matéria com outros em que podes praticar, solidificando os conhecimentos recém-adquiridos em atividades e testes, vai ajudar-te a conseguires os resultados que pretendes.

**Quais os recursos a que podes aceder?**

Podes aceder a vários tipos de recursos, como animações, vídeos, atividades e testes. Abaixo encontra uma breve descrição dos recursos disponíveis, organizados por tipologia.

Animações	
<b>Condições das afirmações</b>	<b>Identificação</b>
<b>Movimento circular de cada capítulo</b>	Animação da rubrica «Iniciação» que, ao longo do início de cada capítulo, constitui uma introdução ao mesmo e aos problemas abordados.
<b>A divisão dos capítulos</b>	Animação que ilustra o processo de divisão metódica seguida por Descartes ao chegar à primeira cartilha. Pode ler-se.
<b>O argumento da marca de Descartes</b>	O conteúdo de cada capítulo e o argumento de Descartes relativo à existência de Deus (argumento da marca) estão disponíveis em formato animado.
<b>O canto dos cardeais</b>	O canto dos cardeais é apresentado no formato animado.
<b>Dilema moral</b>	Animação sobre o dilema moral da experimentação animal e se, sendo extremamente dolorosa, utilizar nos seres laboratoriais?
<b>Polígono filosófico</b>	Animação interativa, para todos os capítulos, que consiste na apresentação de afirmações sucessivamente retiradas das redes sociais de diferentes filósofos, que serão validadas ou desmentidas pelo polígono filosófico.
Áudio resumos	
<b>Condições das afirmações</b>	<b>Descrição</b>
<b>Síntese de todos os capítulos</b>	Resumo em formato áudio dos principais conteúdos de todos os capítulos.
Jogos Pensa, ligeiro e rápido	
<b>Módulo central de todos os capítulos</b>	Jogo em que são apresentadas questões e alternativas de resposta fechada, e no qual a opção pode aceitar, como ajuda, a dica de filosofia.

p. 100



## Manual edição EXCLUSIVA do Professor



Por falta de espaço no manual para todas as respostas e notas para o Professor, algumas encontram-se no Dossiê do Professor, nos separadores «Respostas (manual)» e «Outros», respetivamente.

No Dossiê todas as respostas estão disponíveis, para facilidade de consulta. Estão igualmente disponíveis na Aula Digital, em formato editável, tornando possível ao professor editá-las e/ou enviá-las aos alunos.

### Apresenta:

- Respostas às questões do manual
- Notas para o professor com informações adicionais e sugestões metodológicas

#### EXCLUSIVO DO PROFESSOR

**Resposta**  
Conhecimento proposicional.

**Nota**  
Outras designações para os principais tipos de conhecimento: «Saber-fazer» ou «saber-como», em vez de conhecimento prático. Conhecimento de coisas, em vez de conhecimento por contacto. «Saber-que» ou conhecimento de verdades, em vez de conhecimento proposicional.

Qual é o tipo de conhecimento que nos permite saber sem ter uma experiência direta?



FIG. 3.3 A Incredulidade de São Tomé, de Caravaggio (1601-1602)

Podem distinguir-se três tipos principais de conhecimento: o conhecimento prático, o conhecimento por contacto e o conhecimento proposicional. Vejamos, em primeiro lugar, alguns exemplos. Em cada exemplo, a parte destacada corresponde ao objeto. A Alice é, naturalmente, o sujeito.

Exemplos	Tipos de conhecimento
A. Alice sabe andar de bicicleta. B. Alice sabe fazer chá. C. Alice consegue assoviar o hino nacional.	Conhecimento prático
D. Alice conhece o Museu Nacional de Arte Antiga. E. Alice conhece a diretora da sua escola. F. Alice conhece o seu corpo.	Conhecimento por contacto
G. Sócrates filósofo grego.	Conhecimento proposicional

No **conhecimento prático**, o objeto de conhecimento é uma certa aptidão ou capacidade: o sujeito sabe realizar uma determinada ação ou atividade.



FIG. 3.4 Saber fritar ovos é um conhecimento prático.

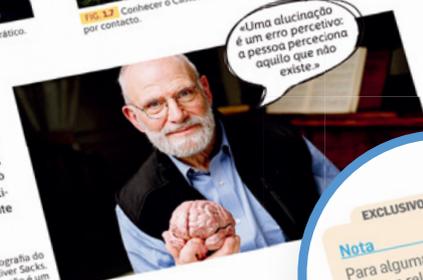
No **conhecimento por contacto**, o sujeito conhece diretamente algo, nomeadamente através dos sentidos externos. O objeto de conhecimento são coisas como lugares, animais, plantas, pessoas, objetos físicos, etc., com as quais o sujeito tem contacto direto através da visão, da audição, do tato, etc.



FIG. 3.7 Conhecer o Castelo dos Mouros é um conhecimento por contacto.

No **conhecimento proposicional**, o objeto de conhecimento são proposições (como veremos a seguir, têm de ser proposições verdadeiras). Como aprendeste no 10.º ano, uma proposição é o pensamento expresso por uma frase declarativa. Conhecer proposicionalmente é, portanto, conhecer ideias.

FIG. 3.8 Fotografia do neurologista Oliver Sacks. Saber o que é uma alucinação é um conhecimento proposicional.

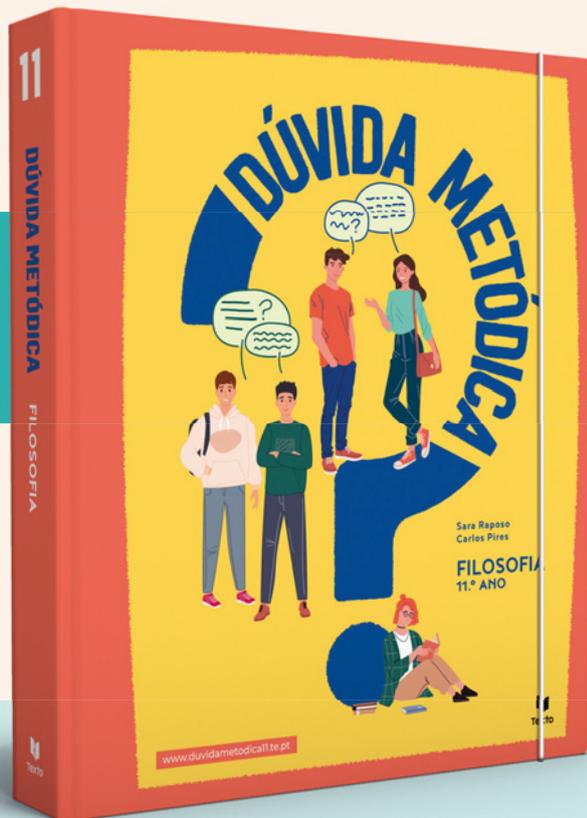


«Uma alucinação é um erro perceptivo: a pessoa percebe aquilo que não existe.»

#### EXCLUSIVO DO

**Nota**  
Para algumas de inter-relações tipos de conhecimento no Dossiê separador «

A maior parte dos conhecimentos adquiridos na escola, por exemplo em disciplinas como História ou Biologia, são proposicionais. Vamos agora explicitar um pouco mais o conceito de conhecimento proposicional. Por facilidade de expressão, em vez de «conhecimento proposicional» diremos apenas «conhecimentos».



## Dossiê do Professor



Grande diversidade de sugestões de atividades e recursos (incidindo em competências diferentes) para implementar na sala de aula e para dar aos professores possibilidades alternativas relativamente aos instrumentos de avaliação.

### Inclui:

- Questões-aula
- Banco de questões
- Testes (inclui Teste diagnóstico) + Guiões de estudo para os testes
- Ensaio filosófico
- Formas de integrar e desenvolver os temas e os problemas filosóficos em trabalhos de natureza interdisciplinar, nomeadamente na área de Cidadania e Desenvolvimento (a disponibilizar em Aula Digital)
- Textos complementares (e mais textos a disponibilizar em Aula Digital)
- Guião de recursos multimédia e Roteiro de utilização da Aula Digital
- Respostas para as atividades de todas as rubricas do manual
- Outros
  - Notas que esclarecem ou aprofundam certos conteúdos
  - *Relembra Ideias-chave* de 10.º ano
  - Prova com a estrutura da Prova de Exame Nacional
  - Avaliação por competências: exemplos
  - Dois temas/problemas alternativos ao do Manual: Guerra justa e Tecnociência (a disponibilizar em Aula Digital)
  - Planificações: anual e por tema/capítulo (a disponibilizar em Aula Digital)
  - Bibliografia e Webgrafia do projeto



auladigital



Animações da situação inicial de cada capítulo



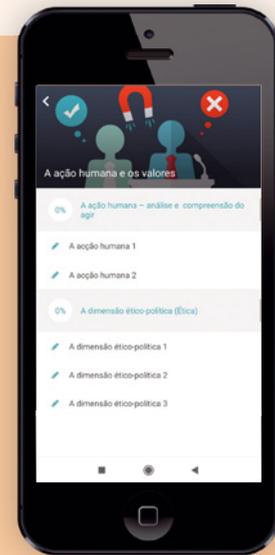
Animações de passagens de textos



Duvidar para alcançar a certeza



Animações de argumentos

Jogo *Penso, logo acertio*

**alicadigital**  
SMART

**Smart**, vídeos e *quizzes* rápidos com explicação imediata e avaliação do progresso.

**Para estudar em qualquer lugar!**

→ Animações da rubrica *Situação Inicial*

→ Animações de passagens de textos, argumentos, exemplos

→ Apresentações PowerPoint

→ Banco de esquemas

em versão interativa

→ Banco de imagens e cartoons

todas as imagens do manual e respetivas questões de exploração, para apoiar a apresentação dos conteúdos e momentos de debate na sala de aula

→ Vídeos curtos e trailers de filmes

da rubrica *Visiona* (legendados em português)

→ Recursos dos códigos QR

→ Áudio-resumos

dos principais conteúdos de todos os capítulos

→ Testes interativos por capítulo

por teste, 10 questões de resposta fechada com correção automática – testes para o aluno e testes exclusivos para o professor

→ Kahoot

1 por capítulo

→ Jogo *Penso, logo acertio*

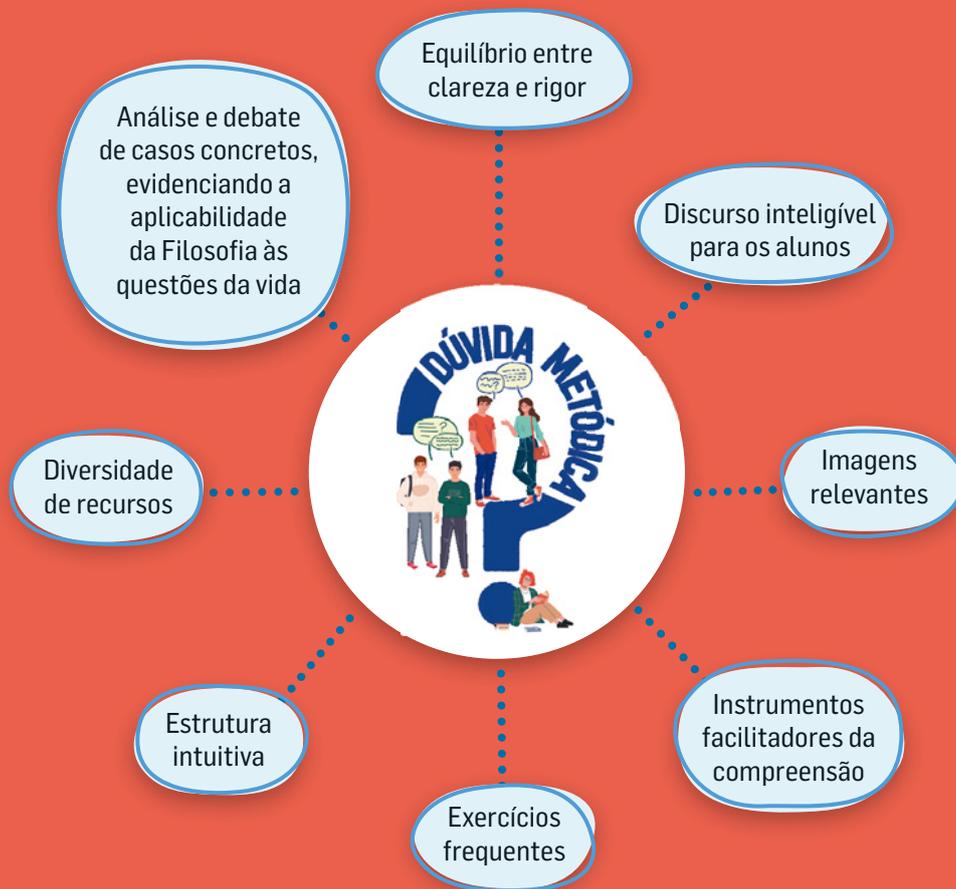
questões e alternativas de resposta fechada, e o aluno pode aceder, como ajuda, a dicas de filósofos

→ Polígrafo filosófico

animações interativas, para todos os capítulos, que consistem na apresentação de afirmações de diferentes filósofos, que serão validadas ou desmentidas pelo polígrafo filosófico.

→ Simulador de exame e testes





## Avaliar e aprender numa cultura de inovação pedagógica



DOMINGOS FERNANDES

### AVALIAÇÃO BASEADA EM CRITÉRIOS

Uma proposta de orientação prática, que apoia uma efetiva avaliação baseada em critérios.

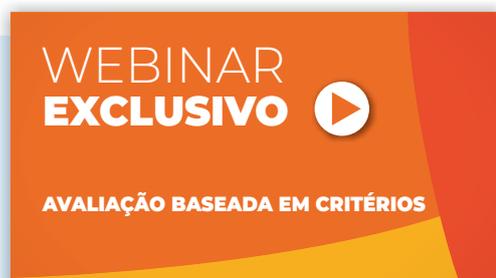
Nesta publicação destacamos:

- Avaliação formativa e sumativa: conceitos, propósitos e práticas
- Critérios de avaliação e a sua utilização na avaliação e na classificação
- Diversificação dos processos de recolha de informação
- Participação dos alunos nos processos de avaliação

#### Para futuros utilizadores do projeto

Um apoio efetivo à implementação de uma avaliação baseada em critérios, com explicação detalhada sobre a operacionalização em sala de aula.

Consulte o webinar mais recente sobre a temática através do [código QR](#).



Saiba mais

